O BRUXO E O FEITICEIRO: JOSÉ LÓPEZ REGA E GOLBERY DO COUTO E SILVA E O NACIONALISMO CONSERVADOR NO CONE SUL

*THE WITCH AND SORCERER:
JOSÉ LÓPEZ REGA AND GOLBERY DO COUTO E SILVA AND
CONSERVATIVE NATIONALISM IN THE SOUTHERN CONE*

Luiz Felipe Nunes de Alves*

RESUMO: O presente artigo pretende discutir a interferência, a mobilidade, os espaços de poder; as redes de sociabilidades, etc, de dois intelectuais – na concepção *bobbiana* – de *direita* (José López Rega, argentino; e Golbery do Couto e Silva, brasileiro) na atmosfera da Guerra Fria e na constituição dos governos autoritários de *Perón-Peron* (Argentina) e da chamada *Ditadura Militar*, no Brasil. O pano de fundo do debate se ancorará na concepção de nacionalismo, presente não produção teórica de um e na ação política de outro. É importante ressaltar que ambos atuaram nos *bastidores* do poder, fazendo parte do corpo burocrático de suas respectivas nações. Os dois intelectuais supracitados não eram homens da *academia*, daí a utilização do conceito dentro da compreensão do pensador Norberto Bobbio. Em relação ao uso do conceito *nacionalismo*, buscamos subsídios no entendimento de Ernest Gellner sobre o tema. Estudando esses dois casos se pretende lançar um olhar sobre a ação dos intelectuais de direita na tentativa de dar legitimidade dos governos discricionários que se instalaram no cone sul nos anos 50 e 60.

PALAVRAS-CHAVES: Intelectuais, direita, poder, nacionalismo e ditadura.

ABSTRACT: This article aims to discuss the interference, mobility, power spaces; sociabilities networks, etc, of two intellectuals – “bobbiana” – design of right (José López Rega, Argentinian; and Golbery do Couto e Silva, Brazilian) in the atmosphere of the cold war and the Constitution of the authoritarian governments of Perón-Peron (Argentina) and call the *Military Dictatorship* in Brazil. The backdrop of the debate if ancorará in the design of nationalism, this production not a theoretical and political action of another. It is important to note that both acted behind the scenes of power, part of the bureaucratic body of their respective Nations. The two aforementioned intellectuals were not men of the *Academy*, hence the use of the concept within the understanding of the thinker Norberto Bobbio. In relation to the use of the concept of *nationalism*, we seek subsidies in understanding of Ernest Gellner on the topic. Studying these two cases if you want to throw a glance at the action of right-wing intellectuals in attempt to give legitimacy of discretionary Governments who settled in the southern cone in the years 50 and 60

* Mestre em História e Doutorando em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: luiz.felipe.alves@terra.com.br. Artigo enviado em 20/08/2011 e aceito em 11/10/2011.

KEYWORDS: Intellectuals, right, power, nationalism and dictatorship.

A América Latina nas disputas da Guerra Fria

As ditaduras militares que se instalaram no *Cone Sul* a partir de meados da década de 1960 foram engendradas dentro do contexto da *Guerra Fria*, fundamentalmente a partir dos anos cinquenta quando a distensão *leste-oeste* tornou-se evidente, colocando de lados diametralmente opostos, os países capitalistas, capitaneados pelos Estados Unidos e os comunistas, sob a forte orientação soviética. A América Latina, por influência ou imposição norte-americana se alinharia na luta contra o comunismo¹ ou a qualquer tentativa de *sovietização* da parte meridional da América. A influência – ou ingerência – dos Estados Unidos na região, remonta ao processo de independência dos países latino americanos, pois, desde a formação dos Estados Nacionais já se fazia notar a interferência norte-americana, às vezes sutil, como na denominada *diplomacia do dólar* (início do século XX), atrelando a economia latino-americana aos interesses do grande capital estadunidense; às vezes violenta, como na *política do big stick*², através de intervenções militares no continente. Essa atitude imperialista já se apresentava de forma escamoteada na *Doutrina Monroe*, culminando de forma mais explícita na *Doutrina Truman* (OSGOOD, 1971). Essa interferência se transformaria paulatinamente numa dependência – seja política; seja econômica – ao longo das décadas seguintes, por conta das dificuldades na construção do Estado Nacional na América latina, *vis-à-vis* ao papel a ser desempenhado por essas novas nações na divisão internacional do trabalho, como assinala o economista Marcos Kaplan:

“... desenvolvem-se apenas os setores e regiões que coincidem com um esquema pré-estabelecidos de divisão internacional do trabalho, (...) são privilegiadas as atividades que, com pouco risco, mão de obra barata e apoio estatal, podem proporcionar lucros rápidos e seguros” (KAPLAN: 130)

¹ Alguns países resistiram à ingerência norte-americana em assuntos domésticos, particularmente, os políticos. Nicarágua, na década de setenta; El salvador e fundamentalmente Cuba a partir dos anos sessenta.

² (Referência a política externa de Theodore Roosevelt, presidente dos Estados Unidos no início do século XX).

Esse modelo econômico dependente³, assinalado acima, foi acompanhado por uma frágil edificação das instituições republicanas onde os interesses da esfera pública eram indistinguíveis e inseparáveis dos interesses da esfera privada, essa miscelânea atendia – capciosamente - aos interesses de grupos oligárquicos que se apossaram do poder em quase toda América Meridional até boa metade do século XX. Esses grupos oligárquicos gradativamente – principalmente a partir dos anos 50 – tiveram que dividir o poder com a burguesia urbana (FAORO, 1997). Assim, as classes dominantes na América Latina buscaram a todo custo manter seu *status quo*, para tanto, flutuavam ao sabor das alianças de grupos de interesses nacionais e estrangeiros, manipulando habilmente as forças contrárias muitas vezes dentro de uma concepção *gramsciana* de hegemonia (GRUPPI, 2000), visando particularmente a sensível, influente e, por vezes, sectária classe média⁴, que se formava sob a órbita capitalista. Com o advento da Guerra Fria, a maior parte da América Latina se alinharia ideologicamente aos Estados Unidos, que através de políticas de convencimentos – o corolário dessa política era a *Doutrina Truman* – buscava-se a arregimentação da burguesia latino-americana⁵ com o fito de garantir a consolidação do capitalismo e eliminar qualquer possibilidade de implantação de idéias socialistas em solo latino.

Caça ao inimigo

O pensamento marxista na América Latina ganharia adesão ao longo das primeiras décadas do século XX (LOWY, 2006), contribuindo com a fundação de partidos comunistas em vários países – o do Uruguai é o mais antigo do continente – que tomaram parte nos movimentos grevistas que ocorreram nas primeiras décadas desse século, disputando com os anarquistas vários sindicatos. Essas lutas, não obstante,

³ Nos anos 60, um fértil debate tomou conta dos meios acadêmicos – no Brasil e outros países latinos americanos – sobre comportamento da econômica brasileira, sob a égide capitalista, uma de viés marxista ortodoxa: *dualismo estrutural*; as análises dos *cepalinos* históricos e a os teóricos da Teoria da Dependência.

⁴ SAES, Décio. *Classe média e sistema político no Brasil*. São Paulo: T. A. Queiróz, 1985. ROUQUIÉ, Alain. *Extremo Occidente: Introducción a América Latina*. Emecé Editores: Buenos Aires, 1994. Aponta as dificuldades para se estabelecer um conceito homogêneo para as classes médias latino-americanas face às metodologias utilizadas em cada região. Pags. 134-136.

⁵ Entendida aqui num sentido *lato*.

contar com a repressão do Estado e com a antipatia e oposição das classes dominantes, conseguiram sacudir a classe trabalhadora e obter algumas conquistas trabalhistas importantes. Nas décadas seguintes, esses partidos comunistas ganharam maior consistência política, cooptando segmentos da classe média e ameaçando a tomada do Estado, mesmo que de forma ainda pouco articulada e tibia, tanto no plano teórico-programático, quanto na ação revolucionária. A *Intentona Comunista* de 1935 (PINHEIRO, 1992) no Brasil é um bom exemplo dessa *práxis*⁶. De qualquer forma essa ousadia assustava os segmentos conservadores que passam a articular uma contra ofensiva a fim de evitar uma “*Revolução Russa*” em seus domínios. Essa preocupação aumenta com a *Revolução Cubana*, em 1959 e seu impacto na *esquerda* latino-americana, que se *energiza* politicamente; ganhando simpatizantes e militantes, ameaçando definitivamente o *status quo*. Setores ultraconservadores da Igreja Católica já ensaiavam um discurso de repúdio às idéias comunistas no fim da década de 1940, através da *Cruzada do Rosário em Família*, onde seu fundador, o missionário norte-americano, Padre Peyton conclamava os fiéis a exorcizar o comunismo. Essa corrente *ultramontana* se propaga rapidamente, principalmente na região do *Cone Sul*, cerrando fileiras com outros grupos de *ultradireita* que se articulam e passam a pressionar os governantes para que tomem medidas enérgicas contra o “perigo vermelho”. Em muitos países nas décadas de 1960 e 1970, os partidos comunistas são proscritos e seus membros perseguidos.

As disputas ideológicas

Marx, ao se referir ao comportamento da burguesia frente a uma convulsão social, – era o que já vinha acontecendo no Brasil, na Argentina, Chile e Uruguai no início da década de 1960 – afirmava que ela (a burguesia) ao perceber sua incapacidade de estabelecer a sua hegemonia de forma legítima, transfere o poder a um governo forte – notadamente militar – que pudesse mobilizar as massas e reconduzir aquela sociedade

⁶ O debate acadêmico sobre esse episódio sucinto ainda muito debates acadêmicos e não acadêmicos. É interessante a obra do professor Edgar De Decca, *Revolução de 30 – Silêncio dos Vencidos*, que aponta um novo olhar sobre a história brasileira contemporânea. Fora da academia, surge no início dos anos noventa a obra do jornalista William WAACK, *Camaradas*. São Paulo: Cia das Letras, 1993. É obra polêmica que trata o movimento supracitado como uma criação soviética e os principais envolvidos como marionetes do Komitern.

em processo de suposta desagregação ao caminho da ordem⁷. Foi por conta disso que setores conservadores de *direita* apoiaram – e fomentaram – a tomada do poder de forma arbitrária pelos militares nas décadas de 1960 e 1970, no *Cone Sul*. Metaforicamente, podemos dizer que os militares, se constituíram, em certa medida em *alter ego* dos segmentos conservadores, não obstante, terem os militares um sentimento anticomunista herdado da *Doutrina Truman* e potencializados na *Escola das Américas*⁸. Ademais, como assinala Rouquié (1984), eram os únicos que acreditavam piamente serem os difusores do pensamento cívico e patriótico da nação, diferenciando-se da elite política, que julgavam invariavelmente corruptas⁹.

Com o crescente radicalismo político-ideológico na década de 1960, onde se percebe uma franca evolução das *esquerdas* na América Latina e em particular no *Cone Sul* – nossa delimitação geográfica – e com o surgimento ou crescimento de partidos ou agremiações de orientação marxistas, como o *Movimiento de Izquierda Revolucionária* (MIR), fundado em 1965, influenciado pela Revolução Cubana e pouco mais tarde surgiria no Chile uma coalizão de *esquerda* que colocaria Salvador Allende na liderança da *Unidade Popular*. No Uruguai, os *Tupamaros* do *Movimiento de Libertación Nacional* (MLN), radicalizava suas ações com assaltos a banco e seqüestros com o intuito de pressionar o governo (Juan Maria Bordaberry) a atender os reclames da classe trabalhadora¹⁰ uruguaia. Na Argentina, o nacionalismo peronista era visto com desconfiança pelos setores ultraconservadores da sociedade. Esse temor da ala *direitista* do peronismo aumenta quando se estabeleceu uma aliança informal entre os *montoneros* (peronismo de esquerda) com outros setores da *esquerda* daquele país¹¹. No Brasil, a partir dos anos 1960, aparece uma plêiade de movimentos de cunho *esquerdista*, que pressionavam o governo de João Goulart em aprofundar as chamadas *Reformas de*

⁷ Essas são as elucubrações feitas por Karl Marx – nesse caso reinterpretadas – contidas na obra *18 Brumário e as Cartas a Kugelmann*. São Paulo: Paz e Terra, 1969.

⁸ Da fundação (anos 40) até os anos 80, funcionou no Panamá. Tinha como objetivo principal preparar militares do continente americano para o enfrentamento político e militar com as *forças subversivas* que ganhavam corpo em toda a América. Esse treinamento era dado por militares norte-americanos e eventualmente europeus ocidentais. Ficou conhecida como “Escola de assassinos”. Foi desativada em meados dos anos 80. Atualmente, funciona no estado norte-americano da Geórgia, uma escola escola similar.

⁹ Sobre esse debate é interessante o livro do professor COGGIOLA, Osvaldo. *Os governos militares da América Latina*. Col. Repensando a História. São Paulo: Contexto, 2004.

¹⁰ É interessante o artigo do professor Jose Pedro Cabrera Cabral: *Trajectoria do Movimento de Libertación Nacional – Tupamaros – 1962 –1973 – Algumas questões de identidade e poder.*, que versa sobre a origem dos Tupamaros na cena política uruguaia, na década de 1960.

¹¹ A tese de doutorado de Carlos R. ETULÁIN, *A esquerda e o Peronismo*, pela UNICAMP, em 2001, aprofunda esse debate.

Base. Esses agrupamentos – de correntes *esquerdistas* distintas – durante a ditadura militar no país partiram para a luta armada atemorizando os segmentos conservadores da sociedade brasileira (GORENDER, 1999). Destarte, os segmentos conservadores – dos países supracitados – se mobilizam com o objetivo de frear o avanço do *esquerdismo* na parte meridional da América. Essa mobilização consistiu em realinhar os mais variados grupos *direitistas* em prol da defesa dos valores cristãos; da consolidação do modelo capitalista e execração às idéias políticas exógenas à “tradição liberal latina”. Nesse sentido, a maior parte dos grupos econômicos latinos, personificado em suas lideranças; dos grupos *ultramontanos* da Igreja Católica – e mesmo da Igreja Evangélica –; setores orgânicos da classe média; Associações de classe; segmentos da mídia; setores ultraconservadores das forças armadas, etc., foram aliciados para essa “luta” em defesa da moral, da ordem e dos bons costumes.

As organizações que se formaram em defesa do ideário conservador anticomunista no *Cone Sul* tiveram sustentação teórico-ideológica através das mais variadas publicações, assinadas e às vezes, criadas – por intelectuais que compactuavam com esse ideário. Intelectuais, estes, que atuavam na academia, em órgãos da imprensa – em artigos, colunas, etc. –; na produção de obras que teciam loas ao modelo capitalista e às idéias supostamente liberais¹²; e outras produções que buscava a desconstrução do pensamento marxista. É importante salientar que muitos desses intelectuais transitavam no interior na máquina administrativa, em círculos intelectuais; em agremiações conservadoras, ou seja, freqüentavam lugares comuns. Assim é verossímil a tese de que havia um compartilhamento de idéias – e fundamentalmente de ações – entre essa elite na região delimitada, e que muitas das operações políticas e militares na região foram elaboradas nos gabinetes dessa elite pensante. A *Operação Condor* (DINGES, 2003) é o caso mais emblemático. É bastante provável, portanto, que idéias de *direita*, produzidas nesses espaços demarcados, bem como, modelos de ações contra-revolucionárias, tenham atravessado fronteiras e tenham sido apropriadas pelos segmentos conservadores dos países em questão, promovendo uma verdadeira circularidade de idéias, que sustentariam um discurso, por vezes reacionário de determinadas agremiações.

Na América Latina, na espacialidade e temporalidade já demarcada, obviamente que os acontecimentos internacionais produziam reflexos na política e na economia dos

¹² O pensamento da *Escola de Chicago* teve forte influencia na construção do modelo econômico chileno.

países em questão. Se por um lado, os governos autoritários conseguiram a *fórceps* controlar os movimentos insurrecionais de perfil *esquerdistas*, provocando enormes baixas em seus quadros¹³ e até eliminando fisicamente certas correntes. Na esfera econômica, a discussão é mais polêmica, uma vez que, o salto industrial de algumas dessas nações – notadamente o Brasil e o Chile – deu-se justamente por conta das inversões no setor secundário que forneceria a base para o desenvolvimento econômico nas décadas seguintes. De toda a maneira, apenas uma pequena parcela da população se beneficiaria efetivamente do crescimento econômico observado nesses países nos anos 60 e 70. O fato a maioria da população passaria por um intenso processo de empobrecimento¹⁴. As medidas neoliberais promovidas pelos governos argentinos e chilenos, por exemplo, provocariam uma desnacionalização da economia, sem que isso produzisse efeitos positivos para as camadas menos privilegiadas da sociedade.

O sociólogo René Dreifuss, mapeia com muita habilidade um quadro das forças reacionárias que atuaram no Brasil no pré-golpe de 1964, que ele denomina de elite orgânica, desenhando toda a estrutura organizacional e financeira, recrutamento (adesões) e o *modus operandis* dessas organizações (DREIFUSS, 1981: Capítulos V, VI e VII). Pelo que se pode deprender dessa elite orgânica – manifestada em organizações de classe, parcela da mídia, entidade femininas, etc. – objetivava conferir legitimidade a uma eventual tomada do poder pelos grupos conservadores e até por atos de exceção contra os denominados subversivos. O que dava coesão a essas organizações era o fato de serem visceralmente anticomunistas. Seguramente, a retórica desses grupos – muitos, composto por membros da classe média – era alimentada pela análise política e sociológica de intelectuais de inclinação *direitista*. Na Argentina, o grupo paramilitar da *ultradireita Triple A*, responsável por pelo menos dois mil¹⁵ assassinatos durante a ditadura militar Argentina nos anos setenta, tinha no polêmico intelectual da ala *direitista* do peronismo e ex-ministro de Juan Perón, José López Rega (El Brujo), sua liderança maior, considerado por muitos como a “sombra” do governo peronista. Um veículo importante na disseminação do pensamento *direitista* argentino era a revista *El Caudillo*, editada pelo intelectual Felipe Romero. Outras organizações da sociedade

¹³ O número de mortos e desaparecidos nas ditaduras do Cone Sul é ainda impreciso. Se contabilizarmos os simpatizantes, familiares e os “equivocos”, o número poderá chegar a cifras surpreendentes.

¹⁴ Alguns dados apontam que a pobreza na Argentina, por exemplo, saltaria de 5% para 28% no período mais severo da ditadura (década de 70).

¹⁵ Essa é uma informação de seu fundador, Salvador Horacio Paino, no entanto, acredita-se que o número é bem maior, pois, essa agremiação tinha ramificações dentro da própria Argentina.

civil, como a maçonaria, atuaram nos bastidores do golpe militar argentino e depois no processo de consolidação da ditadura no país. No Chile, organizações fascistas fundaram uma revista – *Acción Chilena* – na década de 1930 que se auto-intitulava nacional-socialista e teve por muito tempo, como colaborador, um importante escritor chileno, Miguel Serrano, um hitlerista assumido. Ela é editada até os dias atuais com a mesma linha editorial de outrora. A *Liga Chilena Anti-Comunista* é ainda bastante atuante e faz apologias ao governo de Pinochet, constituindo atualmente, a maior força política de *ultradireita* no país. No Uruguai, a pregação anticomunista chegou pelas mãos “abençoadas” do Reverendo Moon, que adquire a partir dos anos 70, bancos, editoras, periódicos, hotéis e áreas rurais, sempre em alianças com segmentos conservadores da vida uruguaia. A juventude uruguaia conservadora, vinculada às forças políticas tradicionais (partidos Blanco e Colorado) fundou nos anos a JUP, *Juventud Uruguaya de Pie*, movimento composto de jovens nacionalistas, ultracatólicos, fascistas, que fizeram no final dos anos 60, intenso enfrentamento político com a juventude comunista no país.

O Debate

O presente artigo pretende discutir – a despeito do que já foi sublinhado acima – a interferência/influência dos intelectuais de *direita* no processo de consolidação, e, por conseguinte de legitimação das ditaduras militares no *Cone Sul*, bem como, a apropriação do conceito de *nacionalismo* por dois intelectuais que transitaram com desenvoltura nos governos autoritários de Perón-Perón¹⁶ (1973-1976), na Argentina e ao longo da ditadura militar no Brasil (1964-1985). Aqui, o trato que pretendemos dar ao vocábulo *intelectual*, está ancorado na formulação que o cientista político italiano Norberto Bobbio oferece que é a de *ideólogo* e/ou *experto*, ou seja, aqueles indivíduos que não necessariamente transitaram pela *Academia* ou participaram de *círculos intelectuais* ou ainda, pertenciam a uma ou outra corrente de pensamento. Não obstante, contribuírem no plano ideológico para a sustentação política dos regimes discricionários. Colocando em outros termos, são conceitos que se aplicam, fundamentalmente, segundo Bobbio (BOBBIO, 1997) àqueles “pensadores” que

¹⁶ A referência é ao segundo governo de Juan Domingo Perón e ao de Isabelita Perón.

circulam pelos “corredores do poder” e participam da vida pública, muitas vezes de forma decisiva. Assim se refere Bobbio a essas duas definições:

“os ideólogos são aqueles que elaboram os princípios com base nos quais uma ação é justificada e, portanto, justificada – em sentido forte, a ação é “legitimada” – pelo fato de estar conforme aos valores acolhidos como guia da ação;...”.

“..os expertos são aqueles que, indicando os conhecimentos mais adequados para o alcance de um determinado fim, fazem que a ação que a ele se conforma possa ser chamada de racional segundo o objetivo” (BOBBIO, 1997: 73-74) .

Todavia, – como é próprio do intelectual – essa interferência se apresenta, via de regra de forma politicamente taciturna, sem fausto. Contudo, era perceptível sua influencia no funcionamento e gerenciamento da “máquina” pública, bem como na ideologização do regime. A expressão “eminência parda”, comumente aplicada às pessoas que se movimentam de forma sorrateira nos “bastidores do poder”, a fim de fazer valer seu ideário, parece ser um termo bastante apropriado a conduta dos intelectuais em questão: José López Rega, Pela Argentina e Golbery do Couto e Silva, pelo Brasil. Foram eles que forneceram o estofamento teórico às ações de quem efetivamente está ocupando o poder, sem, no entanto, tornar isso tão evidente. Apesar de procederem com circunspeção na vida pública procuravam registrar suas reflexões em livros, artigos, ensaios, etc., a fim de consubstanciar suas teses e eventualmente lançá-las ao debate. Não era apenas por fatuidade, mas uma estratégia de reafirmação de poder. Ainda que não pertencessem originariamente aos setores dominantes da sociedade¹⁷, ao longo da carreira, se aproximaram e até passaram a fazer parte desse segmento. É sabido que muitos intelectuais de *direita* afiançaram as ditaduras no *Cone Sul*, sob o argumento da manutenção da ordem social e preservação dos valores conservadores. Não se contentaram em serem meros espectadores. O sociólogo Florestan Fernandes é mais contundente quando afirma que o “*intelectual da América Latina está tão intimamente ligado aos setores dominantes das classes alta e média quanto o militar*” (FERNANDES, 1977), asseverando assim, que essa condição (a de intelectual) implicava estar amparado socialmente pelos segmentos privilegiados da sociedade. Evidentemente que muitos intelectuais fizeram um enfrentamento às ditaduras militares

¹⁷ É verdade que alguns foram cooptados das Universidades e outros possuíam *pedigree* social, como é o caso do economista argentino José Martínez de Hoz. Ver: ROUQUIÉ, págs. 120-21.

que se instalaram na América Latina, em particular no *Cone Sul*. Muitos tiveram a vida profissional interrompida abruptamente por se posicionarem contrário a conduta; ao *modus operandis* dos usurpadores do poder, contudo, como assinala Fernandes, “*Uma grande maioria estava abertamente a favor da ordem proclamada*” (Idem). Mesmo aqueles que não concordavam com os métodos dos governos discricionários, optaram pelo isolamento, numa postura que Fernandes chama de *autoneutralização* e *autocastração*, uma vez que se omitiam aos excessos produzidos pelas ditaduras que se apossaram do poder nas décadas de 50, 60 e 70, em vários países da América Latina.

Não se pretende discutir o intelectual como categoria social, não obstante, acreditarmos ser necessário sublinhar algumas questões, pois, se não aderiram foram convertidos. Os que aderiram não só marcharam junto com os golpistas – notadamente militares – como cimentaram, no plano ideológico – de perfil populista e nacionalista (ROUQUIÉ, 1980: 237-268) – as condições necessárias para a tomada do poder sem traumas, fundamentalmente, na política externa; os que foram convertidos, foram como observa Fernandes “*maciçamente absorvidos pelas agencias culturais e, pelos contratos militares durante o período de conspiração*” (ROUQUIÉ, 1980: 283). Foram ressocializados e passaram a colher dividenda por terem prestigiados os “senhores” do poder. Ademais, enxergavam num governo forte, guiado por princípios administrativos tecnocráticos, a possibilidade de o país ser alçado à condição de nação desenvolvida, por meio da ordem e da moralidade. Nosso objetivo é demonstrar, através dos dois exemplos supra assinalados, como esses “intelectuais” influenciaram decisivamente – que pese o *modus faciendi* de ambos - na condução dos regimes autoritários da Argentina e Brasil, entre os anos cinquenta a setenta.

Os protagonistas

Os dois intelectuais a serem explorados nesse artigo nascem na década de 10, do século XX. Um, Golbery do Couto e Silva, no interior do Rio Grande do Sul, em 1911, seria o intelectual que se aproxima do conceito de *ideólogo*, do qual Bobbio se referia; o outro, José López Rega, em Buenos Aires, em 1916. Caberia a esse o rótulo de *experto*. Se na década de 30 – quando ambos alcançavam a maioridade – Lopez não enxergava perspectiva de futuro, Golbery, por sua vez, iniciava uma auspiciosa carreira militar.

Tanto a Argentina, quanto o Brasil, iniciariam a década de 30, se distanciando dos “ideais democráticos”, na perspectiva *tocquevilliana*, uma vez que ambas as nações enfrentariam crises política que por pouco não as levaram a Guerra Civil. Na Argentina, o general Uriburu lideraria um golpe militar que retirava a fórceps a *União Cívica Radical* do poder. Esse seria um de uma série de golpes políticos que a Argentina iria assistir ao longo de sua história num extenso ciclo de participação dos militares no poder (REVELLO, 1986). No Brasil, a década de 30 era inaugurada com a *Revolução de 30*, onde se observa o mesmo fenômeno, a tomada do poder por um caminho heterodoxo: o golpe político. É com o uso desse recurso que o político gaúcho Getúlio Vargas se assenhora do poder e ali permanece ininterruptamente por 15 anos. Essa assunção que rompia com uma ordem estabelecida pela oligarquia rural brasileira desencadeia outros movimentos políticos. Em São Paulo, os partidários da “ordem”, se posicionam contra o governo de Vargas e se insurgem, dando início *Revolução Constitucionalista de 32*. Esse é o primeiro desafio do então tenente Golbery do Couto e Silva, dando início a carreira de oficial de infantaria numa refrega política que marcaria de forma indelével a história do estado de São Paulo. Tanto Golbery, quanto López Rega eram jovens à procura de afirmação em nações que não tinham muito a oferecer em função da grave crise econômica oriunda do *crack* da bolsa de Nova York, em 1929. Ao contrário de Golbery, Lopez Rega, experimentaria nos anos 40 uma série de empregos medíocres, que não se coadunava com o homem que possuía sonhos altaneiros. Já o militar brasileiro correspondia às expectativas que se tinha dele desde a academia militar. Sua aplicação e prodigiosa capacidade intelectual alavancavam sua carreira militar. Jovem, freqüentaria escolas de especialização no Brasil e no exterior. Já chamava a atenção pela sua capacidade de articulação e liderança (ASSUNÇÃO, 1999), que o distinguia da maioria do oficialato de sua geração. No plano das idéias eram homens preocupados em lapidar a formação intelectual, não obstante, transitarem por leituras díspares. López Rega, desde a juventude se interessaria pela literatura esotérica, que mais tarde lhe daria um sentido político. Segundo o historiador Marcelo Larraquy esse envolvimento com o esoterismo se aprofundaria nos anos 50, granjeando-lhe o status de “homem místico”, contudo, de visão política apurada e por vezes, megalomaníaca. Tal engajamento místico remonta aos anos quarenta e é proveniente em grande medida pela aproximação com a influente e enigmática Victória Montero, ocultista que transitava pelos salões do poder a reboque de Evita Perón. Mais tarde

facilitaria o ingresso de López Rega no restrito círculo de amizade da então primeira dama argentina. Contudo, antes de se aproximar de Evita Perón e ganhar sua confiança, Rega se aproxima do *peronismo*.

“López no vivió con indiferencia la apertura política que significo el peronismo para las massas, (...) Algunos testimonios (...) mencionan que López se transformo em uno de los referentes de local de la calle Roque Pérez que pertenecía al laborismo, partido que prestó su estructura legal para que Perón se presentara como candidato a presidente en las elecciones del 23 de febrero de 1946, y las ganara” (LARAQUY, 2007: 23).

López Rega encontraria na militância do Partido Justicialista (fundado por Juan Perón) um sentido à sua desprazível vida. No início dos anos 50, por influencia política, ingressa na polícia, sem, contudo, vislumbrar uma carreira grandiosa e financeiramente gratificante. Todavia, seria por meio dessa “nova” atividade que teria os primeiros contatos com Evita Perón, que teria sido seduzido pelas idéias esotérica desse senhor, que também se apresenta como artista musical. Ela, de certa forma, facilitaria seu ingresso no mundo artístico (era cantor lírico amador), indicando-o para algumas rádios onde teve uma carreira efêmera e de pouco sucesso. Paralelamente, não se distanciava das leituras esotéricas e já rabiscava os primeiros apontamentos sobre a vida de Jesus, sob uma perspectiva não tradicional. Foi essa visão heterodoxa dos evangelhos que o aproximou de Victoria Moreno. Era o início de sua trajetória rumo ao poder.

O itinerário que Golbery traçaria era outro. Depois de participar – de forma discreta – da II Guerra Mundial, servindo à Força Expedicionária Brasileira é transferido para o Estado Maior do Exército (EME) – já na patente de major – onde é designado para exercer funções que estava à altura de sua capacidade intelectual. Logo galgaria a condição de adjunto no Departamento de Estudo da Escola Superior de Guerra (ESG). É justamente nesse espaço de estudo e reflexão que na análise de Antenor Silva (SILVA), ele encontraria “*terreno para o amadurecimento para as futuras bases para a instituição de seu pensamento geopolítico*”. As reflexões que passa a fazer amiúde sobre a nação brasileira – inserida no contexto da Guerra Fria - ganhariam reforço nas experiências administrativas que ocuparia, ao somente na vida militar, quanto na civil. Essa experiência lhe permitiu conhecer e entender a “maquina

pública”; as disputas políticas; as deformidades morais de seus ocupantes; as fragilidades das instituições e os atalhos para se chegar ao poder.

Os anos quarenta na Argentina seriam de intensa movimentação política, principalmente após a *Revolução de 43*¹⁸, que reconduziria novamente os militares ao poder, impedindo, de forma abrupta, a consolidação da democracia no país. A partir de então a nação passava a ser controlado por grupos ultraconservadores, de inclinação fascista, que simpatizavam com o regime nazista e com idéias racistas. É nesse cenário que emerge politicamente a figura de Juan Domingo Perón e se instaura o nacionalismo populista na Argentina. É embriagado pelo populismo peronista, que José López Rega se incorpora nos quadros do partido. A militância é interrompida em 1956, com o advento da *Revolução Libertadora* (KUNA, 2003), que recoloca – mais uma vez – os militares no poder e se promove de forma violenta os expurgos, tendo como alvo preferencial, os peronistas. Nesse contexto, López Rega se recolhe por longo tempo, passando a dedicar a produção literária esotérica e a ampliação de seus contatos no Uruguai e no sul do Brasil¹⁹. Com o longo exílio de Perón (na América e depois na Europa) e a condição de ilegalidade do peronismo, López Rega se afasta momentaneamente da atividade política e partidária.

No último período do governo Vargas (1951-54), Golbery já ensaiava uma participação mais efetiva nos assuntos políticos do país. O famoso e polêmico *Memorial dos Coronéis*, divulgado em 1954, potencializava a crítica da oposição aos últimos acontecimentos no governo Vargas e colocava em evidencia a insatisfação da caserna com a forma de conduzir os destinos da nação²⁰ por parte do político gaúcho. Esse documento fora produzido nos gabinetes da Escola Superior de Guerra, como afirma o historiador brasileiro John Foster Dulles e com forte influencia – quiçá na construção do texto – de Golbery do Couto e Silva. Esse episódio o estimularia a formular de maneira mais sistemática as idéias esparsas que possuía sobre geopolítica. Em 1955,

¹⁸ Golpe Militar, comandado pelo general Arturo Rawson e com o apoio dos grandes industriais, fazendeiros e da ala ultramontana da Igreja católica, teria vida efêmera. O combate ao comunismo era o que unia esses segmentos. Juan Perón fazia parte desse grupo, apesar de não se filiar ideologicamente aos segmentos mais conservadores.

¹⁹ Ele adquiriria um terreno no litoral gaúcho, onde pretendia dedicar-se a escrita teosófica e arregimentar novos componentes a prática ocultista.

²⁰ A polêmica girava em torno do aumento de 100% que o governo pretendia dar a classe trabalhadora. Na ótica dos militares – alto comando – esse reajuste salarial criaria constrangimentos nas Forças Armadas, por conta dos baixos soldos dos *praças* e praticamente deixaria n mesmo patamar os vencimentos de operários e engenheiros, desestimulando assim a qualificação profissional. No fundo havia outras questões de ordem política e ideológica não explicitada no documento.

lança pela editora Bibliex (Biblioteca do Exército) a obra *Planejamento Estratégico*, tendo como referência a obra do historiador e militar inglês Sir Basil Liddell Hart, “*The other side of de hill*”²¹, publicado originalmente em 1948 e até hoje considerado um clássico da estratégia militar ou da *Arte dos Generais*. A publicação de Golbery foi oportuna na época, pois se vivia no plano internacional – com profundos reflexos no plano nacional – o acirramento ideológico e político promovido pela guerra fria. O Brasil vinha no final dos anos cinquenta, sendo alvo de intensas disputas ideológicas. O governo Vargas – do último período – tinha trazido a reboque o polêmico e supostamente esquerdista João Goulart – e todo seu séquito –, que tinha vínculos comprometedores – na ótica da elite brasileira – com a esfera sindical. A vitória de Juscelino Kubistchek, no pleito seguinte, dividiria as Forças Armadas – embora, nunca tenham sido coesas – pois, não representava uma adesão *incontinenti* ao ideário capitalista, ocidental e cristão na perspectiva direitista. Temendo pelo destino do país, Golbery engrossaria as fileiras da oposição a candidatura de JK, aderindo à campanha de Juarez Távora (UDN). A derrota acachapante o impulsiona a tomar uma posição mais radical: a de compor com os golpistas a fim de evitar a posse do vitorioso. Era o episódio da *Novembrada*, que fracassaria e ainda o levaria a prisão. Temendo pela adesão deletéria ao populismo que infestava a América Latina, articularia com os segmentos conservadores a eleição presidencial futura. Crítico do governo JK, a quem responsabilizava pelos escândalos de corrupção e pela ausência de uma política estratégica que ele entendia como fundamental naqueles tempos nebulosos. Dizia ele:

“O instrumento da ação estratégica, nessa era de guerras totais, só pode ser o que resulta da integração de todas as forças nacionais, de todos os recursos físicos e humanos de que dispõe cada nação, de toda sua capacidade espiritual e material, da totalidade de meios econômicos, políticos, psicossociais e militares que possa reunir para a luta – de seu poder nacional, em suma. E é esse poder, atuante desde os tempos de paz como trunfo decisivo e sustentáculo real nas discussões diplomáticas, já desde então supervalorizado pela sombra prestigiosa que sempre o acompanha, de um potencial mais amplo, suscetível de atualizar-se em prazo maior ou menor, que deverá ser transformado, orientado, mobilizado para a eventualidade da guerra que se venha a concretizar, assumindo, a partir de então, sua componente militar, exteriorizada nas Forças Armadas, o papel dominante” (SILVA, 1981: 13).

²¹ No Brasil foi publicado pela Bibliex (1980), com o título “O outro lado da colina”.

Assiste ao enfraquecimento econômico do Brasil na gestão de JK, que entregaria um país com inúmeros problemas estruturais a um político que representava uma incógnita, tanto nas posições político-ideológicas que deveria tomar internamente – principalmente no combate às idéias subversivas, que se agigantavam no país – quanto externas – concernente a ação da diplomacia brasileira em defesa dos ideais democráticos do mundo ocidental. A preocupação quanto ao governo de Janio Quadros aumentaria, quando o PTB indica o famigerado – para os segmentos conservadores – João Goulart para vice. Os temores de Golbery quanto ao rumo a ser tomado pela nação brasileira se confirmam, quando da inesperada renúncia de Janio e a provável assunção do vice. Era hora de agir.

O início dos anos sessenta para López Rega é a de hibernação política, face ao exílio forçado de Juan Perón. É desse período a publicação de sua obra, seguramente a mais polêmica: *Astrologia esotérica* (REGA, 1965)²², que segundo Larraquy era: “... *un manual destinado a transmitir a los habitantes del planeta unos conocimientos espirituales y a demostrar que éstos tenían aplicación en la vida práctica*” (LARRAQUY, 2007: 133). E por extensão a vida pública; à condução de um governo. Foi dentro dessa perspectiva que, segundo Larraquy, *Héctor Caviglia*, uma mescla de místico e aventureiro – que segundo suas fontes, teria estabelecido contato com assessores do governo Vargas à guisa de constituir um grupo de “iniciados” dentro do governo brasileiro – elaborara uma doutrina esotérica para Perón, como “... *conductor cósmico de las masas...*” (LARRAQUY, 2007: 144). Segundo o historiador, há registros que Caviglia era amiúde ouvido pelo líder argentino sobre questões diversas²³. No apagar das luzes dos anos sessenta, Lopez Rega estabelece os primeiros contatos com a então nova esposa de Juan Perón, Isabel Perón. Foi um encontro arrebatador, como nos conta Larraquy: “... *la simbiosis de López e Isabel se retroalimentava días atrás día*” (LARRAQUY, 2007: 162). López Rega, desde o primeiro contato com a futura primeira dama argentina, enxergaria nela um potencial político a ser explorado numa reencarnação de Evita. A relação se estreita, a ponto de López Rega tornar-se secretário pessoal da família Perón no exílio. Isabel, não possuía a beleza cativante de Evita, contudo, possuía a mesma sedução pelo poder e a reboque, herdaria suas contradições

²² A *Astrologia Esotérica* foi originalmente publicada em 1962 pela Editorial Rosa de Libres.

²³ Esses contatos se deram na segunda presidência de Perón, depois do exílio.

ideológicas e políticas. Lopéz Rega, ainda não estava no poder, mas já estava acolhido pelos poderosos.

A renúncia de Janio e eminência de João Goulart assumir a presidência alinhariam os conservadores em prol de seus interesses, que poderiam ser seriamente afetados, se um “lacaio de Moscou” – expressão muito utilizada na época – ou um “sindicalista vermelho” assumisse a chefia da nação. A *direita* brasileira se mobiliza – notadamente aquela que circulava nos corredores do Planalto – a fim de impedir a posse de Jango. Em defesa do Estado de direito, os defensores da ordem constitucional defendiam a posse do vice-presidente, contudo, a fim de evitar um desgaste político sem precedente, a sugestão de Golbery é acatada: a incorporação do Parlamentarismo na Carta constitucional. Essa medida obedecia a uma política estratégica na lógica golberiana, no intuito de assegurar o que ele registraria mais tarde como, “*objetivos sociais permanentes do Brasil*” (SILVA: 74-75). Desgastado pelos embates políticos e colecionando inimizades nas Forças Armadas, decide ingressar na vida civil e vai para a reserva antes do golpe militar de 1964. Entretanto, retornaria ao poder no governo de Castelo Branco, como chefe do Sistema Nacional de Inteligência (SNI), dando uma contribuição significativa ao novo órgão (que foi fundamental no apoio a repressão da ditadura) por conta de seus estudos em geopolítica, fundamentalmente nas leituras de Rudolf Kjellén, Friedrich Ratzel, Hermann Lautesach, Otto Maull, entre outros que o ajudaram a aprofundar o conceito de *hinterland*, que constituiu o substrato para a elaboração de sua mais relevante obra, *Geopolítica do Brasil*, de 1967. Essa obra já vinha sendo construída desde o tempo em que militou no Instituto de Pesquisa Social (IPES), que a despeito de se apresentar como “*uma agremiação apartidária com objetivos essencialmente educacionais e cívicos*” (DREIFUSS, 1981: 163), escamoteava os seus verdadeiros objetivos, que era a de criar uma unidade na oposição quanto aos seus objetivos estratégicos. Daí o convite a Golbery para ingressar no seu quadro diretivo. A obra acima citada, ainda hoje é reverenciada pela capacidade de articulação de seu mentor em combinar a *hinterland* às necessidades geopolíticas da nação diante de um conflito ideológico que se exacerbava. Desenha o espaço geográfico brasileiro com muita maestria, tendo como condutores alguns clássicos da historiografia e sociologia brasileira como Capistrano de Abreu, Oliveira Viana e Gilberto Freire, apontando suas debilidades e suas virtudes. Já alertava para o perigo que representava os desníveis econômicos regionais no país para a condução político-administrativa do

governo “revolucionário”. Assim se referira sobre essa problemática: “*exacerbando os contrastes e criando zonas marginais e áreas-problemas – uma periferia nitidamente subdesenvolvida em derredor de alguns núcleos vigorosos de elevado ritmo de expansão econômica*” (SILVA: 71-2).

Em 1967, a Lei de Segurança Nacional – muito cara aos regime que se instala no poder – sofreria uma mudança substancial, tendo em Golbery um de seus principais artífices. A lei 1802, de 1953, formulada originalmente por um dos ideólogos das Forças Armada nos anos trinta, o general Góis Monteiro, passaria por uma adequação aos novos tempos, em 1967 e depois em uma segunda versão em 1969. A confecção dessa legislação colocaria Golbery do Couto e Silva em rota de colisão com os denominados “*duros*” das Forças Armadas, que propugnavam uma ação mais vigorosa contra os opositoristas. No último governo militar – do general João Baptista de Figueiredo – assumiria o compromisso afiançado com o general Ernesto Geisel de promover uma distensão “gradual” para um regime democrático²⁴. Caberia a ele, Golbery ser um dos articuladores do projeto de anistia apresentado pelo senador Petrônio Portela ao Congresso Nacional, em 1979²⁵. Nos anos oitenta, com a idade avançada, mesmo ocupando a chefia do Gabinete civil do presidente Figueiredo, passa boa parte do tempo recolhido em seu sítio em Luziânia em torno de sua impressionante biblioteca de 30 mil livros. Participaria sem êxito da articulação que tentaria eleger o deputado paulista Paulo Maluf presidente do Brasil, em 1985, através do Colégio Eleitoral. Seria a sua última performance na vida pública brasileira. Morre em 1987.

Através de uma agremiação maçônica, *logia Anael*, López Rega, no início dos anos sessenta, passa participar de debates políticos sobre a situação dos países subdesenvolvidos no contexto da Guerra Fria. Torna-se sócio de uma editora, que além de possibilitar a publicação de seus livros esotéricos o aproxima de outro editor, Julio Cesar Urien, que publicava um periódico denominado *Tercer Mundo en Acción*. A partir dessas leituras, López Rega passa a fazer reflexões sobre o papel da Argentina no contexto latino americano. Gradativamente passa a simpatizar com os peronistas de *direita*, de perfil ultracatólico e intrinsecamente anticomunistas. Contudo, são os

²⁴ Sobre essa questão ver: MATHIAS, Suzeley K. *Distensão no Brasil – O projeto militar (1973-1979)*. Col. Estado e política. Papyrus: Campinas, 1995.

²⁵ Sobre o processo de confecção desse projeto é interessante a leitura da obra de Elio Gaspari, *A Ditadura Escancarada*, Companhia de Letras: São Paulo, 2003, fundamentalmente sobre o debate entre Golbery e Geisel acerca do processo de abertura política. Atribui-se a Gaspari a alcunha de *feiticeiro* a Golbery, que ele justifica na obra citada.

peronistas de *esquerda*, que estabelecem um confronto aberto com a ditadura militar, personificado na figura dos montoneros. A revista *Las Bases*, suporte ideológico de toda doutrinação peronista não consegue mais unificar a luta em prol da derrocada da ditadura do general Alejandro Lanuse. Na Espanha – exílio de Perón – López Rega, ao mesmo tempo em que se aproxima dos ideólogos do *franquismo*, incentiva Isabel Perón em suas inserções na vida política. A peregrinação da esposa de Perón pela Europa e mesmo na pela Argentina, na tentativa de recupera os direitos políticos do marido, lhe granjearia admiração dos peronistas históricos, notadamente mais conservadores e até dos montoneros, que a enxergavam como uma nova força política. López Rega estaria presente em todos os atos dessa nova Evita, conduzindo seus discursos; definindo sua agenda e até escolhendo seus interlocutores. A fim de ampliar sua influencia na maçonaria, López Rega estabeleceria uma relação fraternal com Lício Gelli, um financista italiano, líder a loja maçônica *Propaganda Due* (P2), de grande influência política na Itália e acusada de se envolver com grupos paramilitares de *direita*. Os ensinamentos de Gelli lhe seriam muito útil quando se estabeleceu na Casa Rosada.

Depois do efêmero governo de Héctor Cámpora, finalmente Perón retorna ao poder na Argentina, em 1973, através do sufrágio. Contudo, já não era mais o Perón de outrora. A saúde estava debilitada e não resistiria às pressões do poder e morreria em menos de um ano de mandato. A dedicação de López Rega a família Perón seria recompensada com um cargo de alto escalão: um ministério. O sonho de jovem da periferia se realizava. Um homem ganancioso chegava ao poder, como aponta Larraquy.

”El 25 de mayo de 1973 Lopez Rega llegó al Estado. Podía mobilizar recursos, formar e y controlar grupos políticos realizar alianzas com caudillos provinciales. (...)El ministério le permitia construir poder y prestigio personal” (LARRAQUY, 2007: 246).

A partir dos anos setenta inauguraria aquilo que alguns historiadores denominam de *lopezreguismo*, que constituía numa forma peculiar de comandar a nação sem ser o chefe dela. López Rega comandaria uma rede de contatos, tanto no setor público, quanto privado, a fim de lhe assegurar poder sobre os demais ministros e lideranças peronistas. Ademais crescia sua influencia no governo Perón, por conta de sua enfermidade que logo o levaria a morte. Assumiria a condição de secretario extra- oficial de Perón, controlando seus atos e induzindo-o a tomar decisões que via de regra aumentava seu

poder sobre a política argentina. Ademais, continuava a ser o guru de Isabel Perón, virtual presidenta do país. Num clima completamente adverso, econômica e politicamente, Isabel Perón assumia a presidência. O partido estava dividido entre os *peronistas de direita*, que apoiavam medidas repressivas contra os adversários políticos e os *peronistas de esquerda*, que passavam a atacar as medidas pouco populares na presidenta. Os titubeios de Isabel Perón na condução da política econômica (ora apoiava o capital nacional, ora apoiava o capital estrangeiro) levaram a um encurtamento nas relações políticas. O terrorismo de *esquerda* torna-se cada vez mais freqüente e arrojado. O governo contra-ataca. Alberto Villar, chefe da repressão argentina no governo Perón, de visão internacionalista sobre as idéias de combate ao marxismo, apregoa a necessidade de se estabelecer acordos com os países vizinhos a fim de se combater o terrorismo com eficácia. Sobre isso, Larraquy assinala: “El acuerdo facultaba a los policías extranjeros para actuar ilegalmente en la Argentina contra los exiliados. Creaba una central de informaciones con una base de datos de militantes de izquierda....” (LARRAQUY, 2007: 177).

Esse foi o principio que daria origem a tenebrosa Operação Condor, que envolveria os órgãos de investigação dos países do Cone Sul, além dos países andinos (refiro-me aqui a Bolívia e ao Peru). Atrocidades foram cometidas em nome do combate ao comunismo. López Rega se movimentava no submundo do crime arregimentando mercenários para compor uma força tarefa capaz de aniquilar fisicamente seus adversários. Larraquy afirma que após a morte de Juan Perón,

López Rega inició una nueva escalada por la concentración del poder. Su objetivo – como lo habia sido siempre – fue apuntalar la personalidad de Isabel, ayudarla a que se aferrara en el poder, ahora en su rol de presidenta y, por último, a través de Ella, dominar la Argentina” (LARRAQUY, 2007: 297).

O poder de López Rega se resumia basicamente no controle de três instrumentos-chaves, como aponta Larraquy: o dinheiro, a polícia e a repressão contra a oposição, que incluía a imprensa. A fim de garantir a manutenção do poder e quiçá ampliá-lo, López Rega criaria a temida *Triple A*²⁶ (Aliança Anticomunista Argentina), que a partir de

²⁶ São atribuído inúmeros crimes a Triple A, que era composta de militares de *ultra-direita* das Forças Armadas argentinas. Até hoje não tem um número exato dos assassinatos e seqüestros realizados por esses paramilitares. Alguns historiadores argentinos afirmam que, em dado momento o próprio López Rega perdera o controle sobre essa organização.

então assinaria todos os atentados, assassinatos e seqüestros de caráter político dentro e fora da Argentina. Isabel Perón estava enredada numa trama política diabólica – para usar um termo apropriado ao esoterismo – que mesmo sem ter conhecimento de muita coisa que ocorria nos bastidores do poder – particularmente nas decisões e atitudes intempestivas de López Rega – não tinha como se eximir da responsabilidade, pois ela era, em tese, a chefe da nação. Aparentemente, o interesse de López Rega era dar sustentação – até onde pudesse – ao governo de Isabelita Perón, O que deveria impressionava os analistas políticos, parlamentares, lideranças partidárias era:

“... donde estaba la magia de un hombre que sin aparato partidario alguno que lo respaldara, e impulsado a la política por saberes no racionales(grifo nosso), habia sido capaz de mantener bajo su control a la presidenta manejar los medios oficiales del Estado, ejercer la censura sobre la prensa, dominar la Policía Federal e imponerse sobre los ministros del ejecutivo que, por temor o conveniencia personal, le respondia” (LARRAQUY, 2007: 334).

A resposta está na imensa habilidade que ele possuía em articular interesses díspares em proveito próprio. Além, obviamente de possuir sob seu controle o “aparelho” de repressão, que lhe dava segurança em suas ações. Havia também, um apoio velado das elites argentinas que, a despeito de não aprovarem a violência gratuita, acreditava ser necessário “pulso firme” no combate a subversão. O que ocorre é que a própria *direita* se viu vítima do descontrole das organizações *ultradireitistas* comandadas por López Rega.

O governo de Isabel Perón não resistiria muito tempo às pressões internas e externas. A influência de López Rega em seu governo passa a ser cada vez mais questionada. Era a renúncia ou um novo golpe. A segunda opção era mais conhecida da sociedade argentina e naquela altura mais segura para as elites argentinas assustadas com tanta violência. O problema que ela ainda não tinha visto nada. A repressão coordenada por López Rega seria copiada e aprofunda pela ditadura que se instalava na Casa Rosada. Lopez Rega cairia no ostracismo. “El brujo” sairia de cena definitivamente com sua morte em 1989.

Nacionalismo

Entendendo que o nacionalismo é algo que vai além do patriotismo, não se resumindo somente ao apego aos símbolos nacionais, mas como uma ultra valoração das origens históricas e culturais de uma nação. Para tanto, como aponta Ernest Gellner, “... *os princípios do nacionalismo (...) é que a unidade nacional seja igual a unidade política*” (GELLNER, 1993:13), sendo essa a base da constituição dos Estados Nacionais. Na América Latina a nação precede ao nacionalismo, uma vez que a formação dos estados nacionais visou atender uma os interesses políticos e econômicos da classe dominante local. Deste modo, o nacionalismo latino americano seria forjado ao longo do processo de consolidação dos estados nacionais na busca da unidade. Essa unidade, em muitas nações foi construída artificialmente por governantes populistas que necessitavam ter as massas sob seu domínio e os estratos sociais mais elevados sob seu controle e vigilância.

Tanto Golbery do Couto e Silva, quanto López Rega se apegaram a um nacionalismo que supostamente estava na raiz da formação de seus respectivos estados nacionais, quais sejam: a herança ocidental cristão, em contraposição às posições agnósticas do materialismo oriental; e aos suposto valores democráticos liberais conquistados ao longo de sua formação política, em contraposição a ideologia marxista de controle social. Como já foi assinalado, esse dois intelectuais atuaram no interior da “máquina” pública, agindo como orientadores políticos de seus respectivos mandatários, o que lhes conferiu uma participação mais efetiva nos rumos das políticas a serem implantadas. Entretanto, o nacionalismo *golberiano* era guiado pela perspectiva de uma política estratégica, que objetivava impedir o ingresso de ideologias exóticas à formação política brasileira e aos seus mais elevados valores morais e éticos. Ademais, entende ele que, caberia as “legítimas” lideranças políticas brasileiras a função de promover a internalização desse sentimento na sociedade. Dizia ele:

“De fato, o nacionalismo é ainda, toda a nossa nobreza. E, se não o for conscientemente, muito importa que o seja”.

“Hoje, subsiste ainda nação como polarizadora dessa suprema lealdade, sem a qual o homem nem mesmo seria homem. Incapaz de transcender-se abnegadamente, nos sacrifícios mais heróicos, a um egoísmo esterilizador e anti-social. Vivemos ainda, para o bem maior ou a maldição irredutível da humanidade (...) a era do nacionalismo que é muito mais do que isso, porque é, sobretudo, uma vontade: vontade coletiva, vontade consciente, vontade criadora de engrandecer cada vez mais a nação, (...)” (SILVA: 97-98).

A lassidão de como eram tratadas os mais caros valores cristãos e ocidentais pela sociedade como um todo, era na ótica de Golbery, o que facilitava o ingresso de idéias e comportamentos nocivos a consolidação de uma sociedade “verdadeiramente” democrática afinadas com as ideologias do “mundo moderno”. Ainda sobre essa questão asseveraria:

“Ser nacionalista é reconhecer como suprema lealdade, a lealdade à nação de que se é ínfima parte, mas parcela atuante e consciente. Ser nacionalista é sobrepor, portanto, a quaisquer interesses outros, individuais ou de facções ou de grupos, a quaisquer vantagens nacionalistas ou paroquiais, os verdadeiros interesses da nacionalidade. Ser nacionalista é estar sempre pronto a sacrificar qualquer doutrina, qualquer teoria, qualquer ideologia, sentimentos, paixões, ideais e valores, quando quer se evidenciem nocivos e de fato incompatíveis ante a lealdade suprema que se deve dedicar, sobretudo, à nação” (SILVA: 99).

É importante notar que o nacionalismo apregoado por Golbery não tinha um caráter populista, muito em voga na América Latina nos anos quarenta e cinquenta²⁷, aonde a *demagogia* conduzia a ações governamentais numa manobra de iludir as massas. Na leitura golberiana era indispensável o uso da tecnocracia, a fim de dar um caráter racionalista à administração da “maquina” pública, mesmo que sejam – eventualmente – medidas impopulares. Essa é a idéia de um nacionalismo crítico e responsável como dizia Golbery.

Lopez Rega compactuava da visão megalomaniaca que vinha sendo construída no imaginário argentino desde a década de vinte, como aponta o professor José Beired, onde,

“A partir da década de 1920, uma nova corrente de direita mobilizou-se na Argentina em torno de uma série de bandeiras, que incluíram a proposta de transformar esse país em uma potência econômica, militar e imperialista..”²⁸

Era a idéia da “Grande Argentina” que construída por intelectuais da classe dirigente do país e com adesão dos segmentos conservadores da Igreja católica e das Forças Armadas. Segundo Beired, a primeira experiência política dentro desse ideário é realizado pelo general José Félix Uriburu, nos anos trinta, com a criação da Legião

²⁷ Os governos de Lázaro Cárdenas, no México; Vargas, no Brasil e Perón, na Argentina são exemplos típicos desse modelo.

²⁸ Trabalho apresentado em setembro de 1997, num seminário na Universidade de Buenos Aires, com o título de “*Procesos de Integración y Bloque Regionales. Historia, Economía y Política*”.

Cívica Argentina de caráter fascista, daí a simpatia pela ascensão do nazismo e fascismo na Europa. O êxito inicial da política hitlerista animaria os nacionalistas de *direita* argentinos. A revista *Nueva Política*, pela qual transitavam intelectuais de prestígio da sociedade argentina se empenharia em defender a presença militar na vida pública argentina como uma forma de implementar – mesmo que a fórceps – uma política que conduzisse o país a uma hegemonia militar e política na América Latina. A Revolução de 43 foi movida por esse ideário. Quando Juan Perón se candidatou a presidência da República em 1946, simbolizava no imaginário dos nacionalistas de *direita* a perspectiva concreta de mudança de uma Argentina subserviente aos ditames imperialistas britânicos para uma “Grande Argentina”. Foi no interior desse imaginário que López Rega se criou politicamente. Quando ingressou no segundo governo do coronel Juan Domingo Perón, na década de setenta, como ministro do Bem estar social, se auto investiu de integrante da Legião Cívica Argentina, quando busca aproximação com a maçonaria, particularmente com a Loja P2, de perfil fascista. As perceber a fragilidade física de Juan Perón, apostou todas suas “fichas” em Isabel Perón, como a condutora dessa grande Argentina por ele imaginado. A criação de mecanismos de controle e de repressão legal e ilegal – é o caso da Triple A – faziam parte dessa estratégia de se forjar a “Grande Argentina”.

FONTES

LORRAQUY, Marcelo. **López Rega**: El Peronismo y la Triple A . Buenos Aires: Punto de Lectura, 2007.

SILVA, Golbery do Couto. **Conjuntura Política Nacional, Poder Executivo & Geopolítica do Brasil**. Coleção Documentos Brasileiros. 2ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Editora José Olympio, 1981.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Vânia Noeli Ferreira de. **O satânico doutor Go**: A ideologia bonapartista de Golbery do Couto e Silva. São Paulo: PUC, 1999. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Programa de Estudos de Pós Graduação em Ciências Sociais Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1999.

AMARAL, Samuel. **Nueva Historia Argentina**, Período 1955-1973. Buenos Aires, Planeta, 2003.

BOBBIO, N. **Os intelectuais e o Poder**. Editora da UNESP: São Paulo, 1997.

- COGGIOLA, Osvaldo. **Governo Militar na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2004.
- CARRIÓ, Alejandro. **Los crimines del Condor**. Buenos Aires, Sudamericana, 2005.
- DINGES, John. **Os anos do Condor** – Uma década de terrorismo internacional no Cone Sul. São Paulo: Cia. de Letras, 2005
- DREIFUSS, René Armand. **1964: A conquista do Estado**. Petrópolis: Vozes, 1981.
- FAORO, Raymundo. **Os donos do poder**. 2 vol. 12ª edição. São Paulo: Globo, 1997.
- FERNANDES, Florestan. **A ditadura militar e os papéis políticos dos intelectuais na América latina**. 2ª edição. São Paulo: Hucitec, 1977.
- GASPARI, Elio. **Ditadura envergonhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- _____. **Ditadura encurralada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- GELLNER, Ernest. **Nacionalismo e Democracia**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.
- GELLNER, Ernest. **Nações e nacionalismo**. Lisboa, Portugal: Gradiva, 1993.
- GORENDER, Jacob. **Combate nas Trevas – A esquerda brasileira**: Das ilusões perdidas à luta armada. 6ª edição. São Paulo: Ática, 1999.
- GRAMSCI, Antonio. **Concepção Dialética da História**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- JAMES, Daniel. **Nueva história Argentina: violència,proscripcion y autoritarismo (1955-1976)**. Tomo IX. Sudamericana: Buenos Aires, 2003.
- HART, B. Lidell. **O outro lado da colina**. São Paulo: Melhoramentos, 1980.
- LOWY, Michael (org.) **O Marxismo na América Latina**: Uma Antologia de 1909 aos dias atuais. 2ª edição. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.
- LUNA, Félix. **Breve história de los argentinos**. Buenos Aires: Planeta, 1993.
- KAPLAN, T. Marcos. **A Formação do Estado Nacional na América Latina**. Rio de Janeiro.
- MARIANO, Nilson. **As Garras do Condor**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- MATHIAS, Suzeley Kalil. **Distensão no Brasil: O projeto militar (1973-1979)**. Campinas: Papirus, 1995.
- OSGOOD. R.E. **As alianças e a política externa norte-americana**. São Paulo: Francisco Bastos, 1971.
- OSGOOD Et alii. **Os Estados Unidos e o Mundo: Da Doutrina Truman ao Vietnã**. São Paulo: Ibrasa, 1972.
- PAINO, Horacio. **História de la Triple A** . Montevideo, Platense, 1984.
- PINHEIRO, Paulo Sergio. **Estratégias da Ilusão**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- REGA, J. López. **Astrologia Esotérica**. Freitas Bastos: São Paulo, 1965.
- REVELLO, C. Et alii. **Las dictaduras militares en América Latina**. Col. Bases de Nuestro tiempo, 16. Las Bases: Montevideo, 1986.
- REZENDE, Maria José de. **A ditadura militar no Brasil: Repressão e pretensão de legitimidade (1964-1984)**. LONDRINA: Editora da UEL, 2001.
- ROCK, David; MC GEE DEUTSCH, Sandra; RAPALO, Maria Ester; et alii. **La derecha argentina**: Nacionalistas, neoliberales, militares y clericales. Buenos Aires, Javier Vergara, 2001.
- ROUQUIÉ, Alain (coord.). **Os partidos militares no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 1980.
- _____. **Extremo Occidente**: Introducción a América Latina. Buenos Aires: Emecé, 1994.
- SAES, Décio. **Classe média e sistema político no Brasil**. São Paulo: T. A. Queiróz, 1985

- SILVA, Antenor A. **Golbery: a gênese e o fracasso da geopolítica militar no Brasil.** Artigo para o curso de mestrado da Universidade Federal de Rondônia.
- SPINDEL, Arnaldo. **O que são ditaduras.** Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense.
- WAACK, William. **Camaradas.** São Paulo: Cia das Letras, 1993.